

Considerações Finais

A memória do desconforto, como proposta nesta tese, é entendida como o processo de – ao enfrentarmos uma situação de crise – buscarmos na memória uma época de ouro (“Quando éramos felizes e não sabíamos.”) que apaziguaria o sofrimento causado pela crise. Contudo, essa memória trazida à tona não é capaz de gerar esse senso de segurança e felicidade, mas ao contrário impele o indivíduo a lembrar em cascata de outros eventos de crise, culminando na sensação de que nunca se foi feliz e nunca se será feliz.

Bauman (1998) demonstrou que os conceitos de beleza, limpeza e ordem, que fundamentaram e regularam as sociedades modernas, não desapareceram nas sociedades pós-modernas. O que marca a diferença para o autor é que, na pós-modernidade, o indivíduo – por sua espontaneidade – é que deve perseguir tais conceitos. Se na modernidade a manutenção do tripé beleza-limpeza-ordem era responsabilidade de todos os edificadores da ordem, na pós-modernidade cabe mais a um indivíduo único, desejoso de encontrar a sua felicidade.

Entretanto, como apontado por Berger & Luckmann (1991), é impossível ao indivíduo escolher seus mundos simbólicos, institucionalizando uma realidade, sem que ele esteja constantemente comparando com o mundo simbólico do outro, com o qual – através de interações face-a-face – constrói o real. Se na modernidade tínhamos uma proposta de liberdade coletiva, na pós-modernidade é a liberdade individual que deve ser buscada. Contudo, no embate entre as contingências dos interlocutores do processo dialógico, deve haver uma negociação contínua dos desejos de um e outro.

A visão do narrador de Saramago em *As pequenas histórias* (2006) está diretamente ligada ao processo de estipulação do pacto autobiográfico com o leitor, principalmente por se tratar de uma obra calcada na ideia tradicional de que quem narra sua própria história de vida, conhece-a na totalidade. Essa sensação ilusória (embora necessária) é fundamental para que uma noção de segurança se instaure na mente do indivíduo, numa tentativa de se organizar os arquivos da memória e, assim, fazer dessa organização um modo limpo, ordenado e puro de

poder acessar lembranças e construir uma narrativa de vida.

O narrador de Pedro Nava, em *Baú de Ossos* (1984), por exemplo, assume em alguns momentos sua imprecisão na narração de fatos que ele somente ouviu de outros significativos durante a história de sua vida. Essa postura demonstra que o campo da memória é muito extenso para que tenhamos total certeza de que o que narramos é de fato o que aconteceu e, principalmente, que a narração de hoje possui o mesmo tom interpretativo que a lembrança teve no momento exato de seu acontecimento como evento. Da mesma forma que não podemos reviver a experiência passada, mesmo que haja o irrompimento de uma forte memória sobre a experiência, também não podemos exorcizar os fantasmas que nos perseguem, pois eles estão justamente dentro de nossa nova identidade, a do presente, e sua permanência é fundamental para que tenhamos a ilusão de uma narrativa de vida harmoniosa, coerente e cronologicamente formada.

O estudo de *Amkoullel: o menino fula* (2003), de Amadou H. Bâ, problematizou as noções de performance e ficcionalidade, bem como um conceito de memória que não admite flutuações de significados. O sentido da vida da personagem (como resultado da correlação “fatos e eventos cronológicos = história de vida”) não se apresenta como visto em Lobo Antunes. Neste, a identidade e a memória individuais são caleidoscópios, e a memória articula muito mais um desassossego do que uma satisfação. As diferenças entre as abordagens também se dão na medida em que a personagem de Bâ se insere numa sociedade em que processos de desterritorialização e reterritorialização eram muito mais controlados (quase a ponto de não existirem), bem como um conceito de tempo mais próximo do cronológico do que do experiencial. Com o aumento crescente da globalização, as identidades centradas e fechadas começam a ruir, tendo um efeito pluralizante, i.e., a globalização acaba por produzir uma variedade de possibilidades, tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas. Logo, nesse contexto, memórias que busquem dar um todo aos fragmentos acabam por se tornar estéreis, pois nunca se chegará a esse todo imaginado. São estéreis no sentido em que não atingem o objetivo inicial que era o de harmonizar situações de crise, conferindo um sentido mais fixado (e, portanto, mais simples de ser compreendido).

Logo, Lobo Antunes, em *A morte de Carlos Gardel* (1994), cria um narrador que a todo momento se vê invadido por memórias que lhe fazem refletir sobre seus momentos presentes e passados, mas num movimento espiralado em que memórias se embatem e – ao invés de gerarem um campo de apaziguamento – abalam ainda mais a identidade da personagem. Não basta somente saber quem se é (através da oposição “quem não se é”), mas sim saber o que fazer com quem se é. Em outras palavras: sempre que a personagem Álvaro é colocada em interações face-a-face com outros personagens, suas falas – embora compostas por anáforas – estabelecem relações diferentes com os objetos ou eventos da realidade entendida como tal. Primeiro, pois os significados das palavras não são fixos e, assim, o falante individual não pode, nunca, fixar o significado de uma forma final. Segundo, porque as palavras carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento. Nossas afirmações são baseadas em proposições e premissas das quais nós não temos consciência e, quando semi-consciente (no caso das alterações religiosas ou imperativas), ainda assim não temos total controle do horizonte de expectativa do outro durante um processo dialógico. Assim, como o significado é inerentemente instável, ele procura o fechamento (a compreensão de sua identidade), mas é perturbado constantemente pela diferença, pelo não esperado, fugindo completamente de uma ideia de ordem.

Por fim, o que os narradores de *A morte de Carlos Gardel* e de *O manual dos Inquisidores* nos apresentam é justamente o pressuposto de que as memórias não são, por conseguinte, lembradas de algum lugar. Como dito anteriormente, memórias são geradas com base na auto-estimulatividade ou auto-referencialidade do sistema nervoso e acionadas pela atividade das estruturas neuronais como memórias na consciência humana. Logo, nossas memórias não nos fazem cientes dos acontecimentos passados, mas apenas nos conscientizam daquelas ideias que são assim identificadas, na situação presente, como expressão consciente de acontecimentos passados e, muitas vezes, essas memórias cumprem o papel de gerar adaptabilidade a uma situação presente não mais identificável. Contudo, tal adaptabilidade serve mais a uma manutenção de um estado de crise do que ao cumprimento de um papel pacificador de conflitos e, assim, as memórias do desconforto parecem ser sintomáticas de uma configuração de indivíduo que,

marcado pelos fatos de uma vida, não vê na linearidade cronológica um alívio para a mente inquieta do presente.